

CONTEXTO DO JAPÃO DE DAZAI¹

Ariel Lara de Oliveira²

Para entendermos melhor a literatura de Dazai Osamu, é preciso inseri-la no complexo contexto histórico e literário do Japão na primeira metade do século XX, um período de muitas mudanças no âmbito social, cultural e político. Esses foram anos de modernização e ocidentalização no país, com consequências para a literatura e cultura japonesa até hoje.

Antes de discorrer diretamente sobre o pós-guerra, pretendo recuperar de forma esquemática as origens de alguns aspectos culturais e sociais da história japonesa desse período. Depois de um período de 260 anos, em que o país esteve fechado para o Ocidente, durante a era Edo (1603–1868), a abertura do Japão se deu com uma guerra civil, que passou o poder do xogum para o imperador, iniciando o período Meiji (1868–1912). Essa abertura e a guerra civil que levou a ela foram resultado da chegada dos Navios Negros do Comandante Perry, que, representando o governo dos Estados Unidos, apontou os canhões de sua armada para a costa japonesa, forçando o país a se abrir. Assim, é sob essa carga negativa que o Japão se abre para o Ocidente, e isso, ferindo o orgulho japonês, rege grande parte do espírito e das políticas desse período.

Para se igualar diplomática e militarmente às grandes potências, manter sua soberania e se livrar dos acordos injustos impostos pelos países ocidentais, o Japão precisava se modernizar. A modernização científica e tecnológica tinha de superar, em curto tempo, os 260 anos de (percebido) atraso em relação a esses países. Por isso, vários japoneses foram mandados para a Europa, de onde deviam trazer de volta novos conhecimentos; e europeus foram trazidos ao Japão com o mesmo intuito de instrução e desenvolvimento. Houve também uma modernização do exército japonês, e isso, junto a uma mudança na política externa do país, desencadeou algumas guerras imperialistas, tanto contra a China (1894–1895) como contra a Rússia (1904–1905), ambas de vitória japonesa. Delegações diplomáticas foram enviadas à Europa e aos Estados Unidos. O crescimento e a industrialização levaram ao surgimento de um proletariado e de uma consciência da classe trabalhadora, em ressonância com a expansão do marxismo vindo da Europa.

Embora algumas dessas transformações tenham resultado de um processo de ocidentalização, grande parte da tradição e cultura japonesa se manteve — em especial, no que

¹ Adaptação de um trecho da Monografia do autor, apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras — Tradutor Português/Japonês. Orientador: Andrei Santos Cunha. Ano de obtenção do título: 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/157723>>. Acesso em: 2dez. 2017.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

diz respeito à figura do imperador. As maiores reformas desse período — a abolição do antigo e tradicional sistema de classes e a criação do parlamento — deram mais liberdade e autonomia ao povo, mas esse ainda assim não foi um período de democracia plena, pois o imperador tinha mais poder do que os representantes eleitos e, por ter assumido muito jovem, era aconselhado pelos oligarcas das elites tradicionais.

Em relação à literatura, esse foi um período de florescimento, em grande parte pelo contato com obras europeias dos dois séculos anteriores, desconhecidas até então dos japoneses. Graças àqueles que haviam estudado no exterior e estavam agora voltando (entre eles, nesse período, destacam-se Mori Ôgai³ e Natsume Sôseki⁴), diversos autores e movimentos foram traduzidos e passaram a ser mais lidos e conhecidos. Movimentos como o romantismo (em especial na sua adoção do romance como gênero central) e o realismo (principalmente como estilo de narração) levaram autores japoneses a escreverem de formas bem diferentes do que vinha sendo feito até então. Com a modernização da imprensa, publicam-se mais livros e aumenta a demanda por literatura, surgindo, também nessa época, alguns círculos de movimentos literários, compartilhando ideias e discutindo conceitos ligados à maneira como cada um pensava a literatura. Desse período, é importante falarmos especificamente do naturalismo.

O naturalismo japonês, surgido no fim da era Meiji, teve seu auge entre 1906 e 1909, após a vitória na Guerra Russo-Japonesa. Ainda que receba seu nome do movimento europeu e tenha adotado como guia autores como Zola e Maupassant (mas também Turguêniev e Flaubert⁵), os textos do naturalismo japonês são bem diferentes da típica obra naturalista (KEENE, 1998), em especial com relação ao conteúdo. A objetividade científica e positivista que caracteriza a escola de Zola abre espaço, no naturalismo japonês, para uma honestidade crua e reveladora, que se afasta da ficção, expondo de forma absolutamente confessional aspectos da vida real do autor. A preocupação é menos com a sociedade e mais com a exposição aberta da experiência pessoal do personagem principal, sempre identificado como o autor. Esse autorretrato era, na maioria das vezes, negativo, desprezando ou mostrando pena de si mesmo, desdenhando de suas próprias ações, na figura de um personagem autobiográfico que revelava o trágico de sua vida. Por outro lado, pouco na forma nos aponta para esse traço não ficcional, e, mesmo no conteúdo, o leitor dependeria de um conhecimento da vida pessoal do autor para chegar a essa conclusão (NAGAE, 2005).

Isso se dá devido à forma preferencial da narrativa do naturalismo japonês, o chamado **romance do eu**, ou *shishôsetsu*⁶. Tipo de texto autobiográfico com o mínimo possível de toques

³ Mori Ôgai (森鷗外, 1862–1922). Autor de **Vita Sexualis** (2014; edição japonesa de 1909) e **Ganso Selvagem** (2010; edição japonesa de 1913).

⁴ Natsume Sôseki (夏目漱石, 1867–1916). Autor de **O Portal** (2014; edição japonesa de 1910) e **Sanshiro** (2013; edição japonesa de 1908).

⁵ Ainda que Flaubert e Turguêniev sejam classificados, em um contexto europeu, como realistas, esses autores tiveram também um impacto literário importante em outros movimentos, como o naturalismo.

⁶ 私小説, *shishôsetsu* ou *watakushishôsetsu*. 私 pode significar tanto “privado” quanto ser uma forma de se referir à primeira pessoa. 小説 denota uma forma de narrativa moderna, em contraste às narrativas clássicas, como 物語 (*monogatari*) ou 説話 (*setsuwa*).

ficcionais, o romance do eu é um gênero que, em suas diferentes correntes, explora os sentimentos e eventos da vida de um personagem, em geral um narrador sem nome em primeira pessoa (“*boku*”) identificado com a figura do autor. Denota um texto não ficcional, que exige do leitor certo conhecimento da vida do autor para interpretar a narrativa, que é construída para mostrar de forma autêntica a realidade.

Ainda que nem sempre denotando um romance no sentido do gênero europeu, essa forma de narrar, de difícil definição, mas inegável importância dentro da literatura japonesa, recebeu o nome de “romance do eu” no Ocidente por conta da complexidade da palavra *shôsetsu*⁷, que indica uma narrativa em prosa, independente de sua extensão ou de ser ficção ou não ficção — ou seja, há romances do eu que são romances, mas também há contos ou novelas que pertencem à forma. Embora o *shishôsetsu* tenha se desenvolvido como gênero em um momento posterior ao do auge do naturalismo (mas por vezes por meio de romances de tendência naturalista), e embora muito se discorde em relação a qual seria a obra inaugural do romance do eu, é incontestável que seu surgimento inicial foi nesse movimento, com autores como Shimazaki Tôson⁸ ou Tayama Katai⁹ (NAGAE, 2005).

O naturalismo manteve sua hegemonia durante dois ou três anos, e, em reação a ela, tanto autores isolados (como Mori Ôgai e Natsume Sôseki) quanto movimentos literários (como Tanbi¹⁰ e Shirakaba¹¹) passaram a escrever de forma antinaturalista. No entanto, pode-se perceber, nas críticas que essas correntes opostas ao naturalismo faziam a ele, uma continuação das próprias tendências naturalistas, como a ideia do homem escravo de suas paixões (Tanbi) ou da representação do autor como salvador do mundo (Shirakaba). As duas tendências não divergem muito uma da outra, exatamente porque partiam do mesmo princípio: as concepções naturalistas (NAGAE, 2005).

O período Taishô (1912–1926), que se segue ao Meiji, foi mais democrático e de grande efervescência política. Os representantes eleitos pelo povo passam para uma posição mais central no governo. Houve mais abertura e esforços de modernização. Culturalmente, também foi um período de ocidentalização, com a abertura de cafés no estilo europeu, a publicação de revistas de circulação em massa e o surgimento de diversos círculos literários. O relativo

⁷小説, *shôsetsu*. Pode ser traduzido mais literalmente como “pequena história” e denota uma narrativa ficcional em prosa, independente de sua extensão. É comumente traduzido por romance, no sentido do gênero ocidental, mas, em japonês, é utilizado para várias obras narrativas, como contos, novelas ou narrativas (não ficcionais) autobiográficas.

⁸ Shimazaki Tôson (島崎藤村, 1872–1943). Autor de *Hakai* (破戒, “Quebra de um mandamento”, 1906).

⁹ Tayama Katai (田山花袋, 1872–1930). Autor de *Futon* (蒲団, “Cobertor”, 1907).

¹⁰ Movimento Tanbi (耽美; de 耽, “saciedade” ou “satisfação”, e 美, “beleza”), movimento literário que propunha a busca pela beleza através da literatura, valorizando menos as questões morais, muitas vezes sequer abordadas, para dar maior foco à satisfação estética. Seus autores mais representativos foram, ao menos no início de suas carreiras literárias, Tanizaki Jun'ichirô (谷崎潤一郎, 1886–1965) e Nagai Kafû (永井荷風, 1879–1959).

¹¹ Movimento Shirakaba (白樺, “bétula-branca japonesa”), um movimento literário de preceitos idealistas, humanistas e individualistas, interessado em espalhar influências da arte e filosofia ocidental pelo Japão. Seus autores mais representativos foram Mushanokôji Saneatsu (武者小路実篤, 1885–1976) e Shiga Naoya (志賀直哉, 1883–1971). É um movimento que contribuiu para a formação do romance do eu e será mais tratado adiante.

autoritarismo do período Meiji foi substituído por um liberalismo político e democrático, conhecido como “Democracia Taishô”¹². Por outro lado, foi um período de certa instabilidade política, com greves e organização da força sindical, em geral aliada ao movimento proletário e socialista. Marca também o início da luta pelo sufrágio feminino. Nessa época aconteceram as chamadas “revoltas do arroz”¹³, muitas lideradas por mulheres — uma reação à alta do preço do produto que, com o fim da Primeira Guerra, passou a ser exportado para a Europa em detrimento do consumo interno.

No entanto, mais para o fim desse período de muitas mudanças políticas e sociais, o governo começa uma perseguição maior a ativistas políticos, em especial aos ligados ao comunismo, e muitos seriam presos e nunca mais vistos — o que só piorou com a Lei de Preservação da Paz, de 1925¹⁴, que pôs um fim a esse período de florescimento da democracia japonesa. Esse é um dos fatores que contribuiu para o surgimento do fascismo militarista e autoritário do período seguinte.

Especificamente na literatura, vê-se, a partir de 1912, “uma coexistência ou quase fusão das várias correntes na literatura” (NAGAE, 2005, p. 9), de modo que a diferença entre autores passa a ser mais creditada à individualidade de cada um do que à corrente a que pertenciam. Ainda assim, entre 1912 e 1925, diversas obras naturalistas ainda foram lançadas, sendo certamente uma tendência muito forte, mesmo depois de o movimento em si ter-se encerrado. O romance do eu seguia sendo o gênero preferencial e, com isso, se expandiu, com importantes obras sendo escritas nessa forma, mesmo depois de 1925 (NAGAE, 2005). É um período de contraste entre os movimentos do neossensorialismo¹⁵, da literatura proletária¹⁶ e Shirakaba.

O grupo Shirakaba era formado por jovens idealistas de uma elite aristocrática que, interessados em Tolstói, mas também em pintores impressionistas, queriam que suas obras fossem um instrumento de promoção da literatura e da sociedade. O ideal da sua literatura era também a expressão do eu — não da forma confessional e pejorativa dos autores naturalistas, mas de uma forma orgulhosa e afirmativa que lhes era própria, como se o ato de escrever sobre si para os outros fosse um presente para a humanidade (KEENE, 1998; NAGAE, 2005).

¹²大正デモクラシー, *Taishô Demokurashii*.

¹³米騒動, *komesôdô*.

¹⁴治安維持法, *chian'ijihô*. Lei que proibia revolta ou conspiração contra o *kokutai* (国体), a identidade nacional, efetivamente criminalizando ideologias como o socialismo, o comunismo, ou qualquer outra que propusesse a alteração da ordem social, que deveria ser centrada no imperador.

¹⁵ Neossensorialismo (新感覚派, *shinkankakuha*). Movimento literário japonês ligado ao modernismo e às vanguardas artísticas. Valorizava as sensações e percepções subjetivas em detrimento de uma descrição superficial na narrativa. Kawabata Yasunari (川端康成, 1899–1972) e Yokomitsu Riichi (横光利一, 1898–1947) são seus autores mais representativos.

¹⁶ Literatura proletária (プロレタリア文学, *puroretariabungaku*). Movimento literário ligado ao movimento socialista que se propunha a narrar as dificuldades da vida dos trabalhadores. Entre seus autores figuram Kobayashi Takiji (小林多喜二, 1903–1933) e Hayama Yoshiki (葉山嘉樹, 1894–1945).

Ironicamente, o mais importante autor do grupo Shirakaba foi justamente o que mais fugia do estilo do resto do grupo. Shiga Naoya¹⁷ escreveu contos, novelas e um romance, todos relatando de forma fiel momentos e aspectos de sua própria vida, usando o gênero do *shishôsetsu*. Foi ele, mais do que os naturalistas Tõson ou Katai, o escritor que, por meio de seus diversos discípulos, maior impacto teve na forma que o romance do eu assumiria subsequentemente (KEENE, 1998). Seu texto narra cenas de sua vida e revela seus sentimentos de forma natural, direta e honesta. Seu estilo, que se desdobraria no romance introspectivo (uma forma do romance do eu), foi muito emulado por outros autores quando queriam escrever sobre si mesmos (KEENE, 1998; NAGAE, 2005).

Por outro lado, não devemos esquecer que a tendência à expressão de sentimentos individuais de forma subjetiva e realista desenvolvida no romance do eu não se deve apenas à influência da literatura estrangeira. Ainda que o romance naturalista europeu tenha influenciado a busca pelo não ficcional, o romance do eu tem suas origens em um modo tradicional de expressão muito antigo no contexto da literatura japonesa. Desde o século X, pelo menos, existe em japonês um gênero textual, o *nikki* ou diário¹⁸, que faz uso da prosa em primeira pessoa. As grandes autoras (quase todas mulheres) da era Heian (794–1185) são principalmente conhecidas por seus diários (NAGAE, 2005) — entre eles, o *Tosa Nikki*¹⁹ (do qual falarei mais adiante), o *Kagerô Nikki*²⁰, o *Murasaki Shikibu Nikki*²¹ e o *Sarashina Nikki*²².

Em relação ao diário como gênero, é importante destacar que a expressão de si mesmo para si mesmo no diário é tornada pública em forma de literatura; há aqui muito da veia confessional (naturalista), da veia subjetiva (Shirakaba) e da veia poética do romance do eu. Também o *zuihitsu*²³, tipo de ensaio livre, é um gênero que dá destaque à sensibilidade e à

¹⁷ Shiga Naoya (志賀直哉, 1883–1971). Autor de **Trajetória em noite escura** (2011; edição japonesa de 1921) e *Wakai* (和解, “Reconciliação”, 1917).

¹⁸ Diário é a tradução mais comum da palavra *nikki* (日記). Como gênero, também é conhecido como “diário literário feminino” ou “diário poético”. Gênero mais livre, pode incluir rememorações de histórias, expressão de sentimentos, composição de poemas, exposição de pensamentos, entre outros, não necessariamente de forma cronológica, “sendo algo como um gênero intermediário entre as memórias, o relato/testemunho e o diário propriamente dito” (CUNHA, 2016, p. 53). Subjetivo, introspectivo e pessoal, eram escritos em partes, trocadas entre as damas da corte para leitura e cópia de trechos. Estabelece-se em oposição ao tradicional diário público, “que seguia o modelo chinês clássico e tinha a forma de um registro de eventos e acontecimentos da Corte” (CUNHA, 2016, p. 53).

¹⁹ 土佐日記, “Diário de Tosa”, escrito por Ki no Tsurayuki (870–945) em 935.

²⁰ 蜻蛉日記, “Diário da Efemérida”, escrito pela mãe de Fujiwara no Michitsuna (935–995) em 974.

²¹ 紫式部日記, “Diário de Murasaki Shikibu”, escrito por Murasaki Shikibu (973?–1014?) entre 1008 e 1010. Murasaki também é autora de **O Romance do Genji** (2008, edição portuguesa; original escrito entre 1005 e 1014).

²² 更級日記, “Diário de Sarashina”, escrito pela filha de Sugawara no Takasue (1008–1059) entre 1020 e 1059.

²³ 随筆, seguir o pincel, ao correr do pincel. Pela liberdade formal e fluidez do texto, é um gênero difícil de se definir, já que tem “por pressuposto (...) uma ausência de plano ou desígnio” (CUNHA, 2016, p. 30). O autor escreve o que vem à cabeça quase como em fluxo de consciência, sem dar muita importância à forma, misturando tipos diferentes de texto. É um gênero que permite a exposição de temas, cenas, sentimentos ou pensamentos, além da apresentação de poesias, crônicas históricas e reflexões religiosas. A obra de Sei

franqueza, com forma fluida, supostamente espontânea. **O Livro de Travesseiro**²⁴, de Sei Shônagon, e obras posteriores, como o *Tsurezuregusa*²⁵, do Monge Kenkô, e o *Hôjôki*²⁶, de Kamo no Chômei, são exemplos desse gênero, que se aproxima de alguns autores do romance do eu (NAGAE, 2005).

O termo “romance do eu” só passou a ser empregado no início dos anos 1920, mas descrevia uma tendência que vinha aparecendo no Japão há já algum tempo. Com a evolução do gênero e da própria crítica literária sobre o gênero, ele foi dividido em algumas correntes, designando-se, a cada uma, autores e obras com características comuns. De forma resumida, há uma corrente de tradição naturalista, mais cruamente confessional, brutal e autocrítica, em que o autor expõe suas falhas, pecados e depravações sem medo do que a sociedade poderia pensar. Aproxima-se mais de Katai e Tôson, e teria em Chikamatsu Shûkô²⁷ seu maior representante (KEENE, 1998). Outra corrente, mais próxima de Shiga Naoya, traz acontecimentos banais, incidentes cotidianos e cenas de uma vida regular, comentadas com uma visão pessoal e subjetiva, capaz de elevar tais experiências para o engrandecimento do autor ou leitor. A primeira seria a corrente da “autodestruição”; a segunda é a da “salvação” (KEENE, 1998, p. 513). Fora a literatura antiga, a expressão do eu de forma natural e honesta está presente em autores modernos que, apesar de adotarem a si mesmos como assunto e narrarem acontecimentos e sentimentos de sua vida, não escreveram, por mais estrita definição, romances do eu. É o caso de diversos autores, como Mori Ôgai, Natsume Sôseki, Nagai Kafû²⁸ e Tanizaki Jun'ichirô²⁹, entre outros, que falaram de si mesmos, mas com toques ficcionais, reimaginando situações, tomando eventos reais como pano de fundo, mas não necessariamente se mantendo presos à realidade (KEENE, 1998). Isso reforça a ideia de que esse modo de escrever é muito japonês em sua intenção, ainda que possa ser ocidental em sua execução.

O período Shôwa (1926–1989), que se seguiu ao período Taishô, foi o mais longo reinado consecutivo de um imperador na história do Japão; no entanto, aqui nos interessa abordar apenas até primeiros anos após a Segunda Guerra, já que Dazai Osamu se suicidou em 1948. Foi um período de extremo autoritarismo, militarismo, nacionalismo e fascismo no Japão. Como lembrado acima, a Lei de Preservação da Paz, do fim do período anterior, levou a

Shônagon, apesar de ser comumente referida como inaugural no gênero, só foi classificada como *zuihitsu* séculos depois de sua morte (CUNHA, 2016).

²⁴枕草子, *Makura no Sôshi*, de 1001, escrito por Sei Shônagon (清少納言, 965?–1025?). Traduzido no Brasil como **O Livro de Travesseiro** (2008) e **O Livro do Travesseiro** (2013).

²⁵徒然草, escrito entre 1330 e 1332 pelo Monge Kenkô (吉田兼好, 1284–1350). Traduzido para o português como **A arte de transformar o tempo fútil em tempo útil** (2001).

²⁶方丈記, escrito em 1212 por Kamo no Chômei (鴨長明, 1153?–1216). Traduzido para o português como *Hôjôki*, em 1984.

²⁷Chikamatsu Shûkô (近松秋江, 1876–1944). Autor de *Wakareta Tsuma* (別れた妻, “Minha ex-esposa”, serializado de 1910 a 1915).

²⁸Nagai Kafû (永井荷風, 1879–1959). Autor de **Guerra de Gueixas** (2016, edição japonesa de 1918) e **Histórias da Outra Margem** (2013, edição japonesa de 1937).

²⁹Tanizaki Jun'ichirô (谷崎潤一郎, 1886–1965). Autor de **As Irmãs Makioka** (2005, edição japonesa de 1948) e **Amor Insensato** (2004, edição japonesa de 1924).

um início do tolhimento das liberdades individuais. A censura se intensifica, assim como a xenofobia e a caça aos comunistas. Uma volta ao passado tradicional e à figura do imperador buscava reforçar a superioridade do povo japonês, numa tentativa de curar o orgulho ferido pela forma humilhante como o país fora forçosamente aberto ao Ocidente no fim da era Edo. Saindo da Liga das Nações (1919–1946), o Japão se alia à Itália fascista (1922–1943) e à Alemanha nazista (1933–1945). Incita diversos conflitos locais na China, pouco a pouco aumentando seus territórios no continente, e, em 1937, inicia uma grande invasão, com a segunda Guerra Sino-Japonesa. Em 1941, entra na Segunda Guerra ao lado do Eixo, atacando Pearl Harbor, entre outras bases no Pacífico. Isso acaba levando à lenta, mas inevitável, derrota do Japão na Segunda Guerra, que terminou com as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945.

No mundo literário, é desse período a literatura *tenkô*³⁰. Após a morte brutal, em 1933, de Kobayashi Takiji, líder do movimento proletário, pelas mãos da polícia, muitos escritores dessa corrente passaram a renunciar ao comunismo e, pressionados, começaram a escrever obras que criticavam os ideais marxistas, ainda que sem convicção (KEENE, 1998). Posteriormente, muitos autores, em especial autores mais jovens, passaram a escrever literatura de guerra, exaltando vitórias e batalhas e o sacrifício em nome do país. Muitos deles o faziam por necessidade ou imposição do governo, e também sem convicção (KEENE, 1998). Com raras exceções, a literatura do período militarista não é de muito mérito, levando Keene a dizer que “era o pior estado da literatura japonesa desde o início da era Meiji” (KEENE, 1998, p. 965).

Com o fim da Guerra, há, quase que imediatamente, uma nova efervescência na literatura japonesa: autores que tinham parado de publicar voltam a fazê-lo, novos autores aparecem, novas revistas e novos movimentos literários são lançados. Após anos de censura em diferentes níveis desde a era Meiji, os autores japoneses podiam escrever livremente (ainda que, no início, houvesse a censura das forças de ocupação). Escritores comunistas renegam seus *tenkô*, voltando às suas convicções; autores que tinham exaltado a guerra passam a falar de suas atrocidades e do sofrimento do povo; e mesmo histórias de cunho mais erótico agora eram publicadas, o que seria impensável nos períodos anteriores. Alguns autores se ressentem de que essa liberdade tenha sido dada ao povo japonês não pelo seu governo, mas por uma força de ocupação após a derrota em uma guerra; mas a maioria se contentava em se expressar livremente de novo.

Dzai Osamu escreveu durante o período Shôwa e sua obra traz influências dos vários movimentos que estavam em evidência nessa época. Com obras como “*Omoide*” e **Declínio de um Homem**, ele certamente mostra, do início ao fim de sua carreira, uma aproximação do romance do eu. Vários de seus textos são narrados em primeira pessoa e falam de situações

³⁰転向, mudança ou conversão. Termo que se usa para designar o ato de converter-se de uma religião ou ideologia e demonstrar o abandono dos conceitos anteriormente defendidos. Nessa época, denota a saída em massa do partido comunista frente à repressão do estado na perseguição às ideologias consideradas antinacionalistas e as obras escritas por esses autores nesse período, que iam no sentido ideológico contrário das que eles tinham escrito até então.

cotidianas, estratégia comum em obras do gênero. Ainda que ele ficcionalize alguns aspectos da narrativa, o que não é comum no romance do eu, a narrativa em si segue seus preceitos e, para quem conhece a biografia do autor, fica evidente como os aspectos pessoais deram origem a cenas e personagens, sentimentos e opiniões³¹.

A tendência naturalista aparece na obra de Dazai não só por sua aproximação com a corrente autodestrutiva do romance do eu, que tem inspiração em Tõson e Katai (KEENE, 1998). Diversas de suas obras têm fundo naturalista, tanto da corrente japonesa como da europeia. A expressão confessional, autocrítica e brutalmente honesta na admissão de seus erros é mais remanescente de obras tradicionalmente naturalistas japonesas; por outro lado, diversas de suas obras trazem, em seu centro, questões caras ao naturalismo europeu, como a ideia de que o personagem é moldado pelo seu meio e de que a formação de seu caráter reflete o momento histórico e o contexto cultural e social em que vivem (SILVA, 2008).

Parte da obra de Dazai, em especial a fase inicial, sofre influência da literatura proletária, e os ideais marxistas ficam claramente explícitos em diversos contos, mesmo adiante em sua carreira, depois de ter se separado desse movimento. Não apenas no pano de fundo de histórias, mas em citações de personagens, percebe-se a importância desses ideais para o autor — tanto nas falas de Kazuko, de **Pôr do Sol**, quanto nas de Yôzô, de **Declínio de um Homem**, por exemplo. Apesar dessa influência inicial, Dazai viria posteriormente a adotar uma postura crítica frente à literatura proletária (KEENE, 1998).

Mais tarde, quando a ocupação americana concedeu um maior grau de liberdade, autores *tenkô* puderam novamente retomar seus temas marxistas e passaram a criticar a guerra. Dazai, nessa época, fez o movimento contrário: apesar de seus textos que mostravam a ruína que a guerra trazia para o povo, ele fez questão de afirmar que nunca tinha sido contra o conflito, criticando o “oportunismo” desses autores (KEENE, 1998, p. 1050).

A vida de Dazai, retratada de forma honesta e confessional em diversas de suas obras, revela seus hábitos boêmios e sua busca constante pelo prazer sexual. Isso o aproxima à vertente libertina europeia, que propunha, na vida e na literatura, uma entrega total aos prazeres da vida, independente das convenções sociais. Ainda que Dazai claramente sentisse o peso das convenções sociais e morais na sociedade japonesa, ele nunca deixou de, por causa disso, viver da forma que queria e escrever abertamente sobre isso.

Apesar do curto tempo de sua carreira (apenas doze anos separam o primeiro e o último livro publicado em vida), Dazai conseguiu estabelecer uma obra criativa e variada, que reflete suas opiniões, seus sentimentos e sua personalidade, ao mesmo tempo em que mostra o amplo escopo de suas influências e referências filosóficas e literárias.

³¹ Aqui há uma diferença sobre como a vida do autor é tratada nos estudos literários tradicionais do Ocidente e no Japão. A crítica europeia tende a ignorar mesmo influências mais diretas entre vida e obra do autor, enquanto a japonesa costuma buscar dados da biografia do autor para contextualizar sua obra. Há, também, com Dazai (e o *shishôsetsu* em geral) uma relação mais direta entre vida e obra que faz parte do gênero; a literatura e a biografia então são muitas vezes reflexos uma da outra, diferente de uma cena ficcional com influência ou inspiração em um aspecto da biografia do autor.

REFERÊNCIAS

CUNHA, A. **O livro de travesseiro**: questões de autoria, tradução e adaptação, 2016, 296 fl. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/134427>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

KEENE, D. *Dawn to the West: Japanese literature of the modern era*. Nova Iorque: Columbia University, 1998.

NAGAE, N. **De Katai a Dazai**: apontamentos para uma morfologia do romance do eu, 2006, 155 fl. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-14052007-151503/publico/TESE_NEIDE_HISSAE_NAGAE.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

SILVA, H. **A estética do espaço na obra Pôr-do-Sol, de Dazai Osamu**, 2008, 247 fl. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-31082010-143013/publico/2008_HirokoHashimotodaSilva.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Como citar este texto (ABNT):

OLIVEIRA, A. Contexto do Japão de Dazai. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p.18-26, 2017.